

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

A LITERATURA E A IMAGEM AFRO-BRASILEIRA

Maria de Lourdes Lopedote

Josuel Kovalski

Resumo: Com a necessidade de trabalhar a cultura afro-brasileira no contexto escolar, cabe aos professores buscarem estratégias que permitam aos alunos conhecer a cultura africana e sua representatividade no universo literário. Sabe-se que a literatura reflete os padrões sociais de diferentes épocas, e que elas se atualizam caracterizando os personagens com comportamentos padronizados ao momento histórico que representam. São visíveis os estereótipos sofridos pelos afro-brasileiros nos âmbitos os mais vários, tanto no convívio com uma sociedade que, apesar de pluriétnica, referenda uma hegemonia aos brancos; seja nos embates para fazer valer sua autoafirmação de identidade, muitas vezes fadadas a um fracasso decorrente do desprestígio imposto tanto pelos agentes de propagação dos tipos, quanto pelas instituições que os perpetuam. Na análise da literatura brasileira como uma dessas instituições descobrimos o quanto a canonização de livros contribuiu para manter viva a ideia de inferioridade da raça negra, ideia essa aplicada e defendida por ideais eurocêntricos, cuja elite da época do desenvolvimento e afirmação literária acreditava na extinção da raça negra. A subalternidade de uma raça ocorre pelo não reconhecimento de sua cultura bem como a desvalorização do ser humano julgado como ser inferior e desprovido de alma e de humanidade, imagem intimamente ligada à Era Escravocrata de nosso país. Esse trabalho tem como objetivo explorar a imagem do afro produzida por instâncias formais, como a literatura propagada a partir do século XIX, e refletir o alcance da construção imagética eurocêntrica, procurando, pelo relato das nossas aulas no projeto PDE, mostrar como foi possível reverter ideias solidificadas ao longo do tempo, possibilitando uma reavaliação do negro e de sua representatividade no universo literário.

Palavras chaves: Estereótipos; Literatura; Cultura africana.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da história e cultura afro-brasileiras tornou-se obrigatório no universo escolar através das leis 10.639/03 e 11.645/08. Sabemos que a cultura africana passou por um processo de desvalorização social, pelo fato de estar relacionada ao período da escravidão.

Por muito tempo o aluno afro-brasileiro desconheceu a verdadeira história de seus ancestrais: ela era inexistente nos livros de História do Brasil, e, nos livros didáticos, apenas apareciam em algumas citações sobre a escravidão, ou seja, a mão-de-obra escrava e a força braçal era o que designava o negro durante boa parte do período pós-escravista.

Na Literatura Brasileira, a imagem do negro era carregada de estereótipos que se socializaram e se tornaram referência pessoal de uma raça estigmatizada por mitos e lendas de uma suposta inferioridade em relação ao branco. A escola, enquanto instituição social, atendeu aos ideais da elite dominante e negou a existência da cultura africana no processo de formação social e cultural do Brasil.

Percebe-se a necessidade crescente de romper os paradigmas do passado preconceituoso que limitou o negro à margem da sociedade, que lhe rendeu marcas de cunho negativo em sua trajetória pessoal e coletiva.

Pode-se afirmar que a literatura reflete o pensamento social. Somos capazes de compreender o contexto histórico das civilizações que nos antecederam através dos relatos literários. A literatura, por ser a arte da palavra, pode, muitas vezes, ficcionalizar a história, ganhando vida nas narrativas; perpetuando ideias e comportamentos sociais, pois o relato literário, bem como as tipologias ligadas ao fenômeno artístico da palavra, criam e recriam a realidade, alimentam verdades e mitos, seu papel é fundamental na história da humanidade. A Literatura Brasileira canônica¹ tratou, por muito tempo, o personagem negro como um subproduto da sociedade.

¹ Importante salientar a diferenciação necessária entre literatura canônica – aquela adotada e escolhida por uma elite e que condiz com suas preferências ideológicas – da literatura (fenômeno artístico) em geral, muitas vezes deixada aquém das escolhas, ou isoladas quando não entravam em consonância com o pensamento vigente, sobretudo no século XIX e início do século XX. Sabe-se que, embora poucos, foram bastante representativos os escritores negros que usavam a literatura como forma de protesto, mas seus trabalhos ficaram somente

Analisando a nossa literatura e os mecanismos estabelecidos de canonização literária, verifica-se a quase ausência de autores negros, fato que configura nossa literatura como branca, pautada na base eurocêntrica que exclui experiências e vozes dissonantes, sob o argumento de não se enquadrarem nos padrões de qualidade ou estilo de época. O preconceito racial e a discriminação perduram até hoje em todos os segmentos sociais. Chegamos ao final do século XX e início do século XXI com os resquícios do embranquecimento da literatura brasileira canônica, tanto na autoria quanto na representação.

Atualmente as políticas educacionais trabalham em prol da divulgação desta cultura. Em 1978, surgiu um grupo de escritores afro-brasileiros que passaram a lutar para que a literatura negra tivesse reconhecimento: é a voz do afrodescendente reivindicando seu lugar. Surge então uma literatura afro-brasileira, escrita por um autor afro-brasileiro e que almeja um público leitor afro-brasileiro. Uma literatura que trata da temática afro-brasileira, que denuncia a ausência de visibilidade, que renuncia a subalternidade, e que deseja ocupar seu lugar na sociedade, bem como o reconhecimento do universo cultural trazido na bagagem dos ancestrais africanos.

Ao analisarmos a imagem do afro-brasileiro na Literatura Brasileira canonizada², percebemos que foi através dela que muitos estereótipos foram mantidos, e serviram de base para manterem vivo o preconceito racial, estes estereótipos renderam ao afrodescendente um lugar inferior na sociedade, fizeram com que o personagem da ficção fosse confundido com o personagem negro da realidade, subtraindo deles uma valorização cultural tão digna como a de qualquer outro povo, negando um passado histórico de glórias e lutas pela igualdade, e foi neste cenário que surgiu a Literatura Negra ou Literatura Afro-Brasileira, visando um resgate histórico, fazendo ecoar na atualidade a voz da negritude calada por muitos séculos, uma voz presa nas correntes e senzalas da escravidão.

relegados a citações esporádicas em compêndios historiográficos da literatura, procedimento esse que se está mudando ao longo das últimas décadas.

² Cabe muito da responsabilidade dessa canonização aos historiadores da literatura do século XIX empenhados em construir uma ideia de nação pautada nos ideais eurocêntricos, sobretudo a Sílvio Romero, autor da famosa *História da Literatura Brasileira*, e adversário declarado de Machado de Assis. (CF MERIAN, 2008, p. 52)

Este artigo se apresenta como requisito para conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2014 – 2015, abordando o tema *A Literatura e a Construção da Imagem Afro-Brasileira*, tema este que trata da estereotipia do negro, bem como de suas consequências na vida pessoal e social do afro-brasileiro. Pensamos um trabalho que trouxesse à tona nuances marginalizadas das produções afro-brasileiras. Para isso, debruçamo-nos nos referenciais teóricos concernentes tanto ao tema da literatura subalterna e de exclusão, quanto ao papel social relegado ao cidadão afro. Através do GTR foi feita uma reflexão profunda acerca do preconceito racial e suas consequências, bem como o papel da escola diante da diversidade étnica e cultural.

A aplicação envolveu alunos do Ensino Médio do Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos. (CEEBJA) de Bituruna – PR. A implementação ocorreu no segundo semestre do ano letivo de 2015. O resultado do trabalho e as expectativas almejadas serviram também como base para a redação desse texto. Os trabalhos realizados – expostos na Semana da Consciência Negra, no espaço escolar e aberto a sociedade para visitação – bem mais que ilustrar atividades necessárias para o cumprimento de requisitos básicos curriculares e atinentes à finalização desse PDE, abriram perspectivas sobre o negro, a cultura e a arte afro-brasileira e servirá, acreditamos, para respaldar ulteriores intervenções, tanto teóricas quanto práticas, em sala de aula.

2 O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

No Brasil o estudo da História e Cultura afro-brasileira tornou-se obrigatório no universo escolar através das leis 10.639/03 e 11.645/08. Sendo assim, atualmente os conteúdos que contemplam a diversidade racial e cultural (brancos, negros e índios) dentro do território nacional brasileiro fazem parte dos currículos escolares. O Artigo 26-A da lei de 2008, lei que substitui a redação anterior, de 2003, reza:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o

negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008)

Após a implementação dessas leis, um novo olhar tem sido lançado sobre aspectos culturais visando à valorização e o reconhecimento da cultura africana e afro-brasileira, considerando os aspectos positivos da mesma na sociedade, procurando respeitar valores, crenças e mitos.

Estudando-se essa história e cultura afro-brasileiras, verifica-se que a imagem do negro na literatura brasileira foi construída seguindo os estereótipos criados pela elite branca, perpetuado na sociedade até os dias de hoje e tendo essa mesma imagem refletida em vários segmentos da sociedade. Outro fato que merece atenção é que o Brasil sendo uma nação multiétnica de maioria afrodescendente o negro aparece mais como tema do que como voz autoral. Percebendo o passado histórico da escravização, do preconceito e do mecanismo sociológico que encara a “Arte como reflexo da realidade histórica e social”, não podemos fechar os olhos ao processo de redução do escravizado à mera força braçal, pela via do seu abrutamento enquanto ser humano.

Analisando a nossa literatura e os mecanismos estabelecidos de canonização literária, verifica-se a quase ausência de autores negros, fato que configura nossa literatura como branca, pautada na base eurocêntrica que exclui experiências e vozes dissonantes, sob o argumento de não se enquadrarem nos padrões de qualidade ou estilo de época. Essa postura elitista desqualifica gêneros literários considerados “menores”, a exemplo da crônica e do memorialismo, bem como os textos marcados por posicionamentos mais incisivos quanto às desigualdades sociais, especialmente as questões de raça e etnias.

Na Literatura Brasileira o personagem negro ocupa lugar menor, muitas vezes inexpressivo e quase sempre coadjuvante, ou vilão no caso masculino, mantendo nos personagens a inferioridade dada a eles como reflexo da era escravista. Segundo Castilho (2004), apesar do papel desempenhado pelo escravo e suas muitas atividades sociais e importância econômica no século XIX, sobretudo em sua primeira metade, “a figura A figura do negro na Literatura Brasileira anterior a 1850, antes da abolição do tráfico de escravos, praticamente inexistente” (CASTILHO, 2004, p. 104).

Na época que proliferava o romantismo e sua incumbência nacionalista, os escritores e poetas esforçaram-se por escolher um herói condizente com o passado glorioso de nossa terra. Nesse contexto, José de Alencar em sua vertente indianista aparava as arestas equilibrando nossa gênese tanto índia quanto europeia. Assim, romances como *O Guarani* e *Iracema* faziam as vezes de nossa composição genealógica, deixando transparecer a subtração notória de nossas raízes africanas. Dessa forma, o negro apareceria somente em contraste à figura orgulhosa e independente do índio, sendo aquele “de índole escrava, humilde e resignado” (CASTILHO, 2004, p. 105).

Segundo Jean-Yves Merian (2008, p.51):

A produção literária brasileira esteve profundamente ligada às ideologias dominantes, e em muitos casos transformou-se em verdadeiros mitos: superioridade da raça branca, branqueamento positivo, democracia racial entre outros. Muitos autores criaram suas obras e construíram seus personagens em função dessas ideologias discriminatórias, para um público que não se preocupava com as ideologias dessas representações. Nos meados do século XIX, precisamente na época do romantismo, embora a população branca não fosse majoritária, pensadores e escritores formularam o conceito do povo brasileiro, em função disso surgiu o mito da superioridade da raça branca e da civilização europeia; assim os negros por representarem a barbárie da escravidão, tornaram-se indignos de aparecerem no cenário dos antepassados da nação brasileira.

Obviamente, entre um José de Alencar, senhor de escravos, a um Joaquim Nabuco, defensor ferrenho da causa abolicionista, a literatura brasileira do século XIX mais se enveredou pela necessidade de se atender a uma demanda dos leitores daquela época – quando a formação leitora era ditada pela ideologia da elite branca. Assim, a personagem negra e mulata viriam se colocar como uma referência à sensualidade, no caso feminino, ou a uma malandragem notadas no romance de cunho naturalista que se desenvolviam nos fins daquele século. O naturalismo que produziu obras como *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, ou o romantismo que teve em Maria Firmina dos Reis a expressividade da mulher negra em romance, conquanto que quase despercebida na época pelas mesmas causas que colocavam os escritores canonizados como quase sinônimo da literatura, foram tendências literárias que não estiveram de maneira alguma desligadas de suas referências sócio históricas. Se Adolfo Caminha com seu *Bom-Crioulo* coloca a figura negra

como herói, também o faz pensando nas patologias exploradas pelos naturalistas, sobretudo as que se referem ao homossexual e os problemas da discrepância para com a sociedade daquele século. Segundo Jean-Yves Merian (2008, p. 52):

O *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, demonstra perfeitamente este preconceito ligado à ideia de animalidade do negro, e a sua perversão nata. O Bom crioulo é vítima da sua condição de negro, mas é também a primeira figura de homossexual perverso e assassino dentro da literatura brasileira.

No início do século XX é quando o protagonismo do negro chega à literatura (DUARTE, 2013, p. 147). Coelho Neto e seu *Rei Negro* introduzem um “escravo sangue azul”, Macambira, escravo que atua como feitor, protagonista que goza de certo prestígio da família do senhor, o que o faz ser ignorado pelos outros escravos da fazenda onde se passa a trama.

Conforme nos relata Eduardo de Assis Duarte (2013), vemos nos anos 1930 o surgimento de protagonistas afro-brasileiros. Jorge Amado publica *Jubiabá* (1935), romance em que Antônio Balduino é a figura central. Este herói cumpre uma trajetória ascendente de menino de rua a líder grevista, estando de acordo com o sentido épico subjacente ao modelo do “herói positivo” da literatura socialista da época e perfazendo os ideais do chamado “romance proletário” que tinha em Jorge Amado um de seus mais expressivos expoentes. O escritor Jorge Amado vê no capitalismo uma forma de escravidão e constrói seu personagem evoluindo do antagonismo étnico racial para a luta de classes. Esse mesmo protagonismo está presente no romance de José Lins do Rego intitulado *O moleque Ricardo* (1935). Nota-se que os anos 30, no Brasil, prefiguram as escolhas de uma intelectualidade esquerdista por personagens marginalizadas, mais atinentes à luta de classes em confronto com o elitismo capitalista. Contudo, por mais que essas mesmas escolhas mais se dessem pelos personagens ilustrarem melhor os domínios dos opositores – com os quais deveria se lutar – é bem verdade que alguns poucos personagens negros ganharam, mesmo que de carona, a primeira plana.

Outro fato perceptível na atualidade é a ausência de uma literatura negra nas classes escolares, pois ainda são poucos os autores afro-brasileiros consagrados na nossa literatura, como também quase não há protagonistas negros e nem narrativas que contemplem a voz do negro, ficando quase

sempre uma perspectiva unificada em torno do branco e seus anseios, solapando a multiplicidade social.

Embora o romance contemporâneo venha perseguindo reiteradamente em seu interior, a multiplicidade de pontos de vista, do lado de fora da obra não há o contraponto; quer dizer, não há no campo literário brasileiro, uma pluralidade de perspectivas sociais (DALCASTAGNÉ, 2008, p.89).

No processo de dominação, sabemos que a humilhação e a depreciação da cultura de um povo são instrumentos preciosos do dominador. No Brasil, esse recurso foi imensamente utilizado: a ridicularização das características físicas, sociais e intelectuais dos escravos negros serviu para acentuar uma suposta inferioridade da raça negra em relação ao branco, justificando assim a escravidão. Essa estratégia de dominação deixou graves sequelas nas relações sociais do país, que atualmente estão presentes nas diversas formas de preconceitos. Entretanto, mesmo com tantas injustiças o dominador não conseguiu apagar a cultura africana e a mesma manteve-se viva através das tradições orais, passando por vários processos de plurissignificação, mesclou-se a outras influências culturais, transformou-se e sobreviveu. Porém, muitas vezes fora visto como exótico, diferente, cheio de misticismo e de estereótipos.

Podemos ver que o texto contemporâneo reproduz a atitude predominante no romance brasileiro de todos os tempos. A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade, a representação do negro ficou restrita a certos estereótipos, entre os quais, aquele do negro dócil, castigado, submisso, ou por outro lado, bestial, instintivo, carnal, resultando num processo que substituiu a invisibilidade por uma visibilidade estereotipada.

2.1 O NEGRO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Eduardo de Assis Duarte afirma que desde o século XVIII já existia uma literatura negra, e que a mesma se fazia presente nos tempos e espaços

históricos na nossa constituição enquanto povo, uma literatura que “Não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2004, p.11).

Porém, só a partir da década de 50, inspirada pelos movimentos negros dos Estados Unidos e da França, a literatura negra do Brasil passa a ter maior visibilidade na sociedade, e é usada também como instrumento de denúncia contra o desrespeito aos direitos sociais dos afrodescendentes, além de ter demonstrado também sua qualidade literária intrínseca. (LIMA, 2009, p. 67)

A literatura afro-brasileira possui identidade própria, é uma literatura que ganha voz dentro do próprio enredo, ela rompe com as ideias eurocêntricas, buscando uma identificação entre sujeito e objeto e as histórias nascem da própria vivência e é nesse contexto que a literatura afro-brasileira busca formar um público leitor negro. Segundo Duarte (2004) a autoria, temática, ponto de vista, linguagem e público configuram a existência do texto afro-brasileiro. Embora no meio acadêmico se defenda a ideia que a literatura afro-brasileira é ainda um conceito em construção, objeto de discussões e controvérsias. Porém, é inegável sua existência e é por meio dela que se vai desconstruindo a pretensa superioridade branca.

Graças tanto aos grupos de representação negra quanto aos veículos de divulgação das ideias desses grupos, foi, a partir da década de 1970, se intensificando os trabalhos em torno da afirmação de uma consciência negra. Luiza Lobo (1993, p. 162) ensaia um mapeamento dessas intervenções:

Há três grupos de autores de literatura negra atuantes hoje no Brasil: Quilombhoje, de São Paulo; Negrícia, do Rio de Janeiro; Gens, da Bahia. O Grupo Palmares, criado em 1978 por Oliveira Silveira, desenvolvendo teatro, literatura e outras atividades no Rio Grande do Sul, foi dissolvido em 1980. O grupo Uni-verso, de Campos (RJ), tem atuação apenas local.

Para se definir a literatura negra deve-se ter em mente que “no estudo da literatura afro-brasileira mistura-se a obra do autor negro com a obra sobre o tema negro” (LOBO, 1993, p. 172). Assim, tentando-se fugir das armadilhas e pormenores de uma análise contextual, tanto de escritores que não eram negros e pendiam para as temáticas afro, quanto, de outro lado, escritores negros e mulatos que não reivindicavam sua negritude, podemos tentar uma definição na esteira de Ironides Rodrigues que em entrevista à Luiza Lobo, disse:

Literatura negra é aquela desenvolvida pelo autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro,

da cor negra, da forma assumida, discutindo os problemas que lhe concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem de se assumir como negro. (LOBO, 1993, p. 174)

A literatura de autoria afrodescendente, que hoje se afirma cada vez mais, se caracteriza pela positividade do ser negro, de ser homem negro ou mulher negra; de se reconhecer em nosso cenário social a cultura de seus ancestrais e vê-la como parte formadora da nossa sociedade, valorizando-a como elemento cultural, denunciando de forma explicitamente militante a discriminação contemporânea. A literatura negra trata também de tópicos universais, como o amor e o erotismo, situando-os em nova perspectiva (DUARTE, 2013, p. 152).

Na ficção, a literatura negra, preocupa-se com a recuperação crítica do passado. Estas obras circulam majoritariamente em circuitos alternativos. O ideal seria que essas obras ganhassem maior visibilidade para quem sabe conseguirem formar um público leitor afrodescendente que se identifique com a obra, pois é outro negro que ali se apresenta.

3 POR UM RECONHECIMENTO DO AFRO NA LITERATURA: ESCOLA E CONSCIÊNCIA

De extensão continental e de uma história que na maioria das vezes refletiu a ideologia dos grupos dominantes, nosso Brasil se mostra uma nação multiétnica feita pela necessidade da mistura de várias heterogeneidades: racial, social, cultural. Contudo, depois de mais de cinco séculos, talvez uma das modificações mais importantes nesse contexto de dominação seja a conscientização de nossas pluralidades. Isso quer dizer que a deflagração das diferenças por si só já permite que uma gama de novas possibilidades se abra ao reconhecimento de vozes suprimidas ao longo da história, permitindo que verdades outras se afirmem como integrantes de direito, tanto na formação quanto na participação social.

No que tange ao currículo escolar e sua contribuição para a constituição crítica e identitária do estudante de escola pública, algumas têm

sido as intervenções desenvolvidas nos últimos anos. A questão das cotas raciais, por mais controversa e polêmica que tenha sido, foi paulatinamente sendo mais aceita por segmentos reticentes da sociedade e hoje se mostra como uma necessidade de cunho social e econômico que permite aos representantes negros um mínimo equilíbrio na disputa pelos lugares sociais antigamente relegados exclusivamente aos detentores do perfil hegemônico. Outro exemplo é a inserção curricular de temas transversos que também abordam em seu bojo a contribuição histórica e cultural afro e que está sendo progressivamente implantada nas escolas.

Contudo, ainda se verifica, seja por desavisada ignorância ou por relutante empenho em se perpetuar pretensas formações dominantes de cunho classista, uma insatisfatória aplicação das contribuições afro no contexto escolar. Essa verificação foi uma das forças norteadoras que possibilitaram o desenvolvimento de nosso trabalho: pensar a contribuição afro-brasileira relegada a um segundo plano dentro da literatura brasileira canonizada e como o professor de língua portuguesa pode, em sala de aula, explorar aspectos que ao longo da história ficaram marginalizados.

Se notarmos os livros didáticos, por exemplo, verificaremos que muitos dos representantes da literatura afro-brasileira como Luís Gama – precursor desse tipo de escrita (MELLO E COSTA, 2015, p. 200) não tem espaço. Escritores como Lima Barreto e Cruz e Souza, os quais notadamente se posicionavam textualmente como discriminados, quando muito, recebem notas de rodapé avisando que teriam sofrido preconceitos raciais, fator que não atinge Machado de Assis, escritor para quem os esforços de um branqueamento ao longo do século XX são facilmente percebidos. O próprio Castro Alves, autor de textos românticos e chamado “Poeta dos escravos” tem inserido seu nome há muito nos livros didáticos, embora muito mais se utilizem de sua figura por sua canonização secular que pela afirmação de uma voz afrodescendente. Cabe, portanto, ao professor de língua portuguesa conseguir dialogar com os temas que estão intrinsecamente inseridos nos contextos escolares, agindo criticamente na escolha de seu material de apoio e disseminando gestos que permitam ao estudante – sobretudo o que se reconhece como afro – a valorização de sua história e cultura.

O contexto escolar é sinônimo de manifestações variadas, o que

constitui o cidadão pleno e crítico. Portanto, contemplar manifestações poéticas, culturais ou religiosas de matriz africana relega ao estudante subsídios para a constituição de seu posicionamento em um mundo polivalente e de conhecimento da multifacetada influência que nos formou como povo plural. À escola não cabe defender posturas etnocêntricas que privilegiam vozes senhoriais em detrimento de forças vistas como subalternas, porque herdeiras de um passado em que a submissão era imposta à força. Ademais, devemos ter em mente que muito mais que cumprir currículos instaurados pelas leis – todas bem-vindas e resultado de um esforço e batalhas contínuas – a inserção de práticas que permitam o conhecimento crítico de culturas desvinculados de seu “exotismo”, mas, ao contrário, como elemento formador de nossa cidadania, se revela como operação de reconhecimento e respeito ao espaço a tanto tempo negado por instâncias formais, como a literatura canonizada. Revelar tais manifestações é possibilitar uma apropriação do conhecimento despido dos traços pitorescos que caracterizaram boa parte da aproximação para com a cultura que não perfazia os ideais da cultura branco-hegemônica.

Nesse sentido, montamos nossas oficinas planejando leituras, análise das situações referentes ao preconceito, interpretações textuais e apresentação de personagens e histórias afro-brasileiras desconhecidas, pesquisas no laboratório de informática da escola, exposição de filmes e consequentes questionamentos sobre os assuntos e as situações retratadas nos filmes.

Iniciamos com a leitura dos textos que falam sobre escravidão, preconceito racial e cotas raciais. Nesta oficina, priorizamos a importância de se conhecer a história sobre o período da escravidão e as consequências sociais oriundas desse período. Aconteceram debates as cotas sociais: no primeiro momento alguns alunos se posicionaram contra o sistema de cotas, porém, no decorrer das falas mudaram de opinião e passaram a considerar que as cotas são necessárias até que ocorra um equilíbrio social.

Nas pesquisas sobre cantigas, lendas e parlendas – planejadas previamente e constante em nossa Unidade Didática – ocorreu o reconhecimento dessas manifestações populares nas brincadeiras de infância. Isto proporcionou uma aproximação maior com o tema, e a grande novidade foi

à descoberta que elas tinham origem africana.

Na análise interartes do poema escrito “Navio Negreiro” de Castro Alves, e do vídeo do filme *Amistad*, os alunos puderam perceber, a partir da mescla dessas duas possibilidades artísticas, a associação das imagens de sofrimento que vitalizaram a poesia. Notamos a sensibilização e o espanto que aquelas cenas provocaram, pois, os estudantes julgaram inaceitável a forma que os escravos eram tratados.

Na sequência de trabalhos com os filmes: *O Besouro*, *Cafundó* e *Quilombo*, foi possível reconhecer traços da cultura africana nos cenários, desde as cores fortes, os rituais africanos, a musicalidade, a luta de capoeira, a religiosidade. Através dos filmes deu para associar a teoria com a realidade, foi possível perceber que o preconceito é real e que perpassa os séculos e é mantido através de chavões que se originaram na época da escravidão e logo após o fim dela, quando o negro conquistou a liberdade e ficou exposto na sociedade, sem estar preparado para trabalhar em outras profissões, sujeitando-se a trabalhos pesados e aos subempregos que lhes eram ofertados. Sendo assim, dialogamos sobre essas verdades e concluimos mais uma vez que os sistemas de cotas são necessários para o resgate dessa dívida histórica e para oportunizar o direito de igualdade que foi negado nas práticas sociais após o fim da escravidão.

No vídeo *Kiriku e a feiticeira*, os elementos visuais: cor, rituais, danças, figurinos e a própria história, despertaram o encantamento. Falamos sobre a importância das lendas no imaginário e na formação cultural de um povo. Para completar essa oficina, pesquisamos no laboratório de informática da escola diversas lendas, parlendas, cantigas e trava-línguas realizamos a leitura em voz alta, e selecionamos algumas para elaboração de cartazes.

Nas atividades com fragmentos de textos e poemas, um fator que foi ressaltado foi a percepção de que o personagem negro dentro da literatura, fazia na maioria das vezes, papéis secundários, que era sempre o vilão da história, e que a *Escrava Isaura*, mesmo sendo branca, culta e bonita, foi vítima da sua origem de escrava.

Através da leitura e análise do fragmento do romance *Escrava Isaura* abordou-se sobre a teoria do branqueamento e a ideia eurocêntrica imposta na época.

Após essas atividades realizamos uma mesa redonda, na qual um convidado afro-brasileiro expôs suas experiências de vida em relação ao preconceito sofrido por ele na atualidade. Neste momento todos puderam expor sua opinião sobre o tema trabalhado e a importância do reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira. Para finalizar os alunos produziram um artigo de opinião sobre o tema: “O preconceito sofrido pelo afrodescendente na nossa sociedade como um todo”.

Dessa forma trabalhamos a cultura africana e sua formação artística como a literatura afro-brasileira. Trazendo à tona elementos de matizes populares, fizemos notar quão grande é a gama de possibilidades que o professor tem à mão para operar procedimentos de conscientização em meio a uma sociedade que ainda guarda fortes resquícios discriminatórios para com um povo que ajudou a formar nossa nação.

O trabalho com o Grupo de Trabalho em Rede (GTR) oportunizou contato com os outros professores da rede que a partir dos estudos realizaram grandes contribuições, interagindo, refletindo, sugerindo complementações que enriqueceram o projeto e que no próximo ano poderão ser aplicadas na intenção de melhorar ainda mais o trabalho, ampliando seus conhecimentos sobre a temática abordada.

Percebemos que trabalhar sobre a valorização da cultura africana e afro-brasileira é prazeroso, que é preciso conhecer e debater sobre o assunto nas escolas, que os educadores precisam se envolver para erradicar as situações preconceituosas do ambiente escolar para que no futuro sejam extintas da sociedade.

Concluímos que ações como as propostas no GTR “ A Literatura e a Construção da Imagem Afro-Brasileira”, permitiu analisar o reflexo que essas imagens tiveram na sociedade e o seu papel na preservação da desigualdade social e do apagamento da cultura afro na sociedade brasileira, e que é preciso que nossos alunos percebam a cultura africana na formação social e cultural do Brasil e aprendam a reconhecer a sua importância no cenário cultural brasileiro.

O trabalho em rede é uma ferramenta educacional que permite o diálogo entre os professores de diferentes comunidades, que comungam e compartilham as mesmas angústias. E que na troca de experiências cada um

consegue aprimorar sua prática pedagógica através do conhecimento compartilhado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o intuito de analisar o personagem afro-brasileiro dentro da Literatura Brasileira e da Literatura Afro-brasileira, para procurar entender o processo de preconceito e discriminação racial tão presentes na atualidade, ganhando espaço social, surgindo de várias formas, inclusive mascarado de Democracia Racial, porém é surpreendente que num país tão miscigenado como o Brasil, onde quase a metade da população é afrodescendente, o preconceito ainda perdure e vitime pessoas por causa da sua etnia.

Sabe-se que lentamente este quadro está se modificando, a obrigatoriedade de ensino de cultura africana e suas nuances, está forçosamente levando a uma mudança de atitudes sociais, e os educadores estão, através de diversos trabalhos e projetos, levando o conhecimento cultural aos nossos educandos, possibilitando a eles a descoberta de que a história da cultura africana é linda, cheia de significados e que vai muito além da barbárie da escravidão.

Espera-se que a educação seja capaz de modificar a sociedade e que os nossos alunos percebam que a cultura de um povo é tão importante quanto a de outro, e que não existe cultura melhor ou pior, mas culturas diferentes que, juntas, se completam e formam uma sociedade rica em diversidades; que descubram que os mitos e lendas de origem africana são tão belos quanto aos gregos e romanos, e descubram que nossas origens africanas nos deram um legado cultural diferenciado e que pintaram o Brasil com diferentes tons de pele.

Vale ressaltar que nosso estudo descobriu que a literatura brasileira canonizada ajudou a perpetuar os estereótipos sociais atribuídos aos negros, e que a arte da palavra cumpriu o seu papel, quando se tornou reflexo de uma sociedade excludente, que impôs sua cultura europeia em face ao aniquilamento cultural dos africanos, e esta ideologia da superioridade da raça

branca está representada nos personagens literários, onde o negro era dócil, servil, ladrão, animalizado, sensual, bandido, etc. Percebemos que a literatura era e é o reflexo do comportamento social, que não rompeu os padrões da época, que manteve o negro escravizado dentro dos estereótipos, e que personagens negros dificilmente eram ou são protagonistas das histórias.

A partir da década de 70, os movimentos negros começaram no Brasil uma luta pelo reconhecimento cultural, surgiram os Cadernos Negros, com autores negros, direcionados a um público leitor negro; desta forma começou a ecoar a voz da negritude e seu espaço literário foi ampliado, embora pesquisas recentes demonstrem que ainda há poucos escritores negros de uma literatura negra.

É preciso que os órgãos governamentais tomem uma postura ética e adotem nos livros didáticos a literatura de origem africana e afro-brasileira, para que o aluno afrodescendente e afro-brasileiro se reconheça como parte do social e que perceba e sinta orgulho de suas raízes através da cultura africana presente em nosso país.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em 15 jun 2015.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de Professor**. Vol. 7, núm. 1, 2004, pp. 103-113. Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino Paraná, Brasil.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Vol. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2021/1594>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

DUARTE, Eduardo Assis, (Coord.). Literatura Afro-Brasileira. Abordagens na sala de aula. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

_____. **Literatura Afro-brasileira**: um conceito em construção. XXXV Congrès de L'Institut International de Littérature Ibero-Americaine, 2004. Poitiers, Fronteras de la Literatura y de la Crítica. Poitiers: ILLI. 1: 54-54.

_____. O negro na Literatura Brasileira. **Navegações**. Vol. 6. N.2. p.146-153. jul. /dez. 2013.

LIMA, Carina Bertozzi de. Literatura negra – uma outra história. **Terra roxa e outras terras** – revista de estudos literários. Vol. 17 A (dez.2009). Disponível em: www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Af.pdf Acesso em 14 mai 2015.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MELLO, Márcio Araújo de. COSTA, Neuzir Martins. Livros didáticos de língua portuguesa para o ensino médio e a inserção da literatura afro-brasileira. **Revista Contexto**. Vitória, n27, 2015/1.

MÉRIAN, Jean-Yves. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. **Revista Navegações**, v. 1, p. 50-60, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso: 05 abr. 2015.